

ARTIGOS

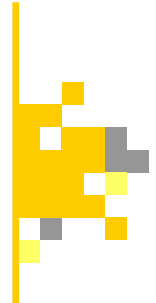
Marcílio Vieira^I

Josivando Ferreira da Cruz^{II}

Marcio Romeu Ribas de Oliveira^{III}

Literatura afro-brasileira: uma instância das linguagens para uma educação antirracista

Afro-Brazilian literature: an instance of languages for anti-racist education



RESUMO:


O estudo apresenta reflexões sobre educação, linguagens e literatura, especialmente literatura afro-brasileira. O objetivo deste é compartilhar algumas reflexões acerca da literatura afro-brasileira e suas influências na formação da identidade negra diante de um contexto de negacionismo identitário oriundo da colonização. O estudo é qualitativo e de cunho bibliográfico, sendo a base dissertativa composta por autores/as que dialogam acerca das temáticas supracitadas. As discussões atravessam o campo literário afro-brasileiro, que, por meio de suas narrativas, promove iniciativas de visibilidade e até mesmo denúncia das desigualdades sociais e raciais introduzidas e reproduzidas nas sociedades, as quais são geridas diante da lógica colonial. A partir das leituras e discussões, percebeu-se a relevância do campo literário enquanto instrumento de luta e resistência da negritude. Na literatura, pode-se introduzir realidades que estavam invisibilizadas socialmente diante da hipocrisia de um sistema de sociedade que se diz democrático e igualitário, no entanto, preza pela reprodução das desigualdades, de preconceitos, tais como o racismo. Notificou-se também que a formação das subjetividades deve ser ressignificada, passando a romper com a lógica dominante, a qual remete à ascensão do branco em função da regressão do negro. Ressalta-se, por fim, que iniciativas combativas são indispensáveis para o alcance de uma sociedade, ou melhor, de sociedades mais justas. É preciso referenciar e tornar objetivo os princípios humanos, para então, haver pessoas emancipadas junto aos seus pares.


Palavras-chave: Linguagens; Literaturas; Literatura afro-brasileira; Literatura negra


ABSTRACT:

The study presents reflections on education, languages and literature, especially Afro-Brazilian literature. The objective of this work is to share some reflections on Afro-Brazilian literature and its influences on the formation of Black identity in the context of identity negationism originating from colonization. The study is qualitative and bibliographical in nature, with the dissertation base composed of authors who engage in discussions about the aforementioned themes. The discussions traverse the Afro-Brazilian literary field, which, through its narratives, promotes initiatives for visibility and even denunciations of the social and racial inequalities introduced and reproduced in societies governed by colonial logic. From the readings and discussions, the relevance of the literary field as an instrument of struggle and resistance for Black people was recognized. In literature, it is possible to introduce realities that were socially invisibilized by the hypocrisy of a societal system that claims to be democratic and egalitarian, yet values the reproduction of inequalities and prejudices such as racism. It was also noted that the formation of subjectivities must be re-signified, breaking away from the dominant logic that implies the advancement of white people at the expense of the regression of Black people. Finally, it is emphasized that combative initiatives are indispensable for achieving a society, or rather, more just societies. It is necessary to reference and make human principles objective so that people can be emancipated alongside their peers.

Keywords: Languages; Literatures; Afro-Brazilian literature; Black literature

^I Doutor em Educação; Professor, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.
marcilio.vieira@ufrn.br,  <https://orcid.org/0000-0002-2034-0796>

^{II} Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.
josivando.cruz.604@ufrn.edu.br,  <https://orcid.org/0000-0001-7387-4735>

^{III} Doutor em Educação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro; Professor, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.
marcoromeu72@gmail.com,  <https://orcid.org/0000-0003-2629-920X>

INTRODUÇÃO

A existência de sociedades mais justas e igualitárias promoveria um estado de vida mais significativo para todas as pessoas, independentemente das peculiaridades que singularizam a personalidade/identidade de cada indivíduo. Assim, a temática do estudo vai ao encontro de um diálogo sobre as consequências e os desdobramentos dos modelos de sociedades ancorados no eurocentrismo, ou seja, aqueles que se afastam da possibilidade do estabelecimento de sociedades emancipadas com os princípios humanísticos.

Atualmente, as estruturas sociais que regem a constituição das sociedades ainda se encontram fora do alcance das populações marginalizadas, formadas principalmente por pessoas negras, no que diz respeito aos direitos e deveres. Desse modo, sabe-se que o pilar do sistema capitalista preza pela asseguuração da reprodução das desigualdades como meio de manutenção e permanência da detenção do poder por parte de poucos sujeitos, predominantemente brancos, que, através de um processo sócio-histórico, usurparam territórios, recursos materiais e humanos durante as invasões coloniais.

Como consequência dos interesses da colonização, houve e ainda há a marginalização e o extermínio da negritude. Isso se desdobrou também na imposição de um processo de acultramento

aos modos de vida objetivos e subjetivos coloniais para aqueles que divergem do perfil de sujeito eurocentrado, como é o caso das populações africanas, indígenas, entre outras.

Partindo desse preceito, discussões sobre questões étnico-raciais permeiam este estudo, as quais visam o alcance de reflexões que corroborem com o estado de sensibilização e emancipação dos sujeitos para com suas raízes afro-ancestrais, no caso da negritude. Assim, a base dissertativa apresenta diálogos entre os/as pesquisadores/as, os/as autores/as e escritores/as que foram, inicialmente, fomentados em sala de aula, sendo discutidos entre os/as integrantes (professores/as, mestrandos/as e doutorandos/as) da turma. O foco dessas discussões centrou-se em tratar sobre as influências da literatura afro-brasileira no sentimento de pertencimento da identidade negra.

A conversação entre os sujeitos da turma refletiu em uma tensão reflexiva/crítica acerca dos processos de formação do indivíduo submetido à constituição de um perfil de cidadão/sociedade cristalizado, caracterizado como homem, branco, heterossexual e burguês. Desse modo, percebeu-se a necessidade de iniciativas capazes de romper com esse modelo de constituição de identidade eurocentrado, uma vez que há uma gama de identidades plurais no mundo, não se limitando apenas àquela de índole colonial.

Diante do exposto, o estudo é oriundo de

inquietações pessoais enquanto pesquisadores, resultando em experiências diversificadas como forma de (auto)aprendizagem e (auto)preparação para encarar/enfrentar um mundo repleto de preconceitos e, entre eles, o racismo. Imagina-se ainda que os interesses pessoais tendem a se desdobrar em contribuições sociais, uma vez que o racismo é estrutural e atinge a todos/as que se distanciam diretamente e/ou indiretamente dos pilares/padrões impostos pela cultura branca/dominante.

Desse modo, o objetivo deste é compartilhar algumas reflexões acerca da literatura afro-brasileira e suas influências na formação da identidade negra diante de um contexto de negacionismo identitário oriundo da colonização. Seguindo ainda a pretensão do estudo, pretende-se contribuir na promoção de reflexões capazes de sensibilizar aqueles/as que, de certo modo, se sentem interessados/as e afetados/as pela temática proposta.

A estrutura da pesquisa se esquematiza em uma nota introdutória; desenvolvimento que apresenta o trajeto teórico-metodológico de elaboração; aporte teórico/literário seguido de análises e resultados das leituras e discussões de textos/obras. Seu encerramento ocorre diante das considerações finais, salientando acerca do balanço geral no tocante das discussões pautadas e também nas contribuições literárias para o fechamento do ciclo investigativo.

DESENVOLVIMENTO

A base dissertativa que constitui este estudo é oriunda de leituras e discussões desenvolvidas a partir da disciplina denominada *Educação e Linguagens*, do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, no período 2022.1. As discussões ocorreram nas quartas-feiras, no turno da manhã, onde docentes, mestrandos/as e doutorandos/as se reuniram para a apreensão de textos atrelados tanto à temática desta pesquisa quanto de outras similares, relacionando-as com suas experiências e promovendo novos sentidos para os assuntos estudados.

A turma era constituída por 16 integrantes, sendo 13 discentes e considerando os/as 3 docentes responsáveis pela disciplina. A disciplina centrou-se na promoção da investigação sobre educação e linguagens como marco responsável pela constituição formativa do/s sujeito/s e da/s sociedade/s.

No que diz respeito à ementa da disciplina, houve uma variação de autores/as que dialogam sobre educação e linguagens e suas relações com as Ciências Humanas, tais como Furlan e Bocchi (2003), Nóbrega e Medeiros (2009) e outros/as. Em se tratando deste estudo, podem-se mencionar autores/as e escritores/as como Bauman e Mazzeo (2020), Tenório (2020), Jesus (2014) e ou-

tros/as que versam, por meio de textos científicos e literários, sobre as relações étnico-raciais, refletindo em seus escritos acerca da formação da identidade negra perante o contexto de subalternização e extermínio da negritude em um passado-presente de desigualdade racial.

A relação com o campo da literatura se torna pertinente, uma vez que trata das relações étnico-raciais, promovendo acesso às reflexões a partir das narrativas que dialogam com a realidade em que se encontra a negritude na atualidade. Notifica-se uma parcela de soma acerca das contribuições das literaturas na formação das subjetividades dos sujeitos e, partindo dessa ideia, emergem as literaturas afrocentradas como meio de promover sensibilização e conscientização dos indivíduos para/com suas raízes afro-ancestrais, raízes essas que foram e continuam sendo marginalizadas, invisibilizadas e até mesmo apagadas em função da ascensão da cultura dominante (europeia).

As vivências formativas desenvolvidas em sala de aula ramificaram olhares diversificados acerca da constituição do saber, que, a princípio, tratou-se de educação e linguagem, e adiante desdobraram-se em áreas distintas de pesquisas, como no caso deste estudo, as literaturas afro-brasileiras como instância das linguagens na promoção de uma educação reflexiva e antirracista. Com base nisso, salienta-se o estudo como qualitativo e de caráter bibliográfico, em consonância

com as discussões socializadas e debatidas em sala de aula.

ATRAVESSAMENTO DAS LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO: RUMO À LITERATURA ANTIRRACISTA

Apreensão sobre Linguagens na Educação

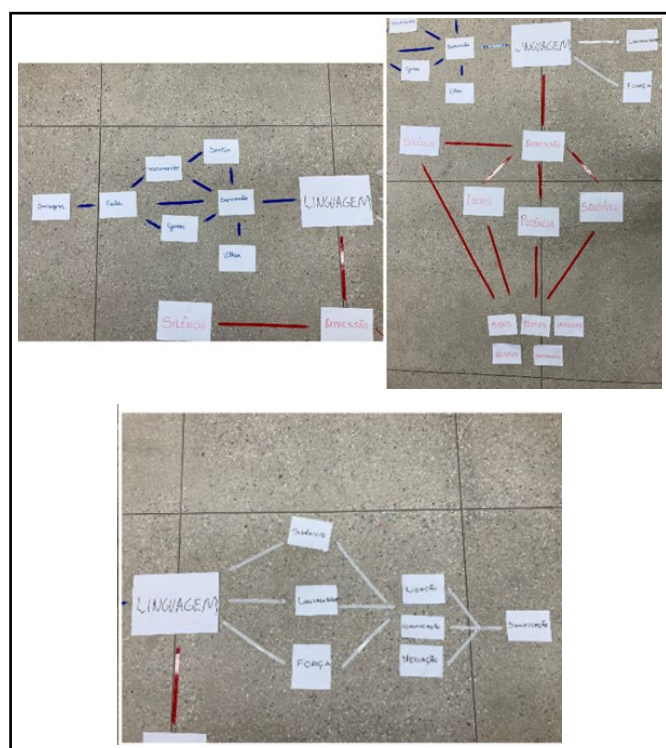
As concepções sobre linguagens foram introduzidas na disciplina, onde cada discente apresentou suas ideias acerca da compreensão de linguagem a partir de leituras pessoais provenientes da escola, da universidade ou demais setores sociais. As ideias foram apresentadas inicialmente por meio da construção de um *Mapa Mental*¹ realizado pelos discentes da turma, com a mediação docente.

Após a criação do mapa mental, houve um debate sobre as significações das linguagens a partir das palavras destacadas nele. A princípio, o conceito de linguagem surgiu como necessidade da enunciação (da fala/escrita). Partindo desse ponto de vista, as discussões trilharam caminhos para encontrar outras atribuições sobre linguagens, e, nesse trajeto, foram compartilhados os achados de outros sentidos para/sobre a questão.

Adiante, a compreensão sobre linguagens foi ganhando significados mais complexos, como

toda forma de expressão advinda do corpo. A ideia de linguagens, por sua vez, não se restringe ao simples ato de transmissão da informação (a comunicação). O sentido pode variar desde a transmissão de informações até expressões do, sobre e para o corpo, atravessado pelo contato consigo mesmo, com os demais, com os objetos e com os meios que se encontra inserido.

Figura 1² – Mapa Mental sobre Linguagem



Fonte: Autores (2022)

A ideia de linguagem encontra-se diretamente atrelada ao corpo e à sua necessidade de construir significados/sentidos de forma objetiva. Com base em Nóbrega (2003, *apud* Nóbrega; Medeiros, 2009, p. 725), “[...] ao se tratar da linguagem há um privilégio desta como uma expressão do pensamento, minimizando-se ou mesmo tentando excluir a materialidade do corpo”. No que

tange aos sentidos, as autoras explicam que “[...] por sentidos, entenda-se desde sentimentos, emoções, conceitos, reflexões diversas desencadeadas pela encenação” (Nóbrega; Medeiros, 2009, p. 727).

No campo dos estudos em linguagens no contexto das humanidades, esse conceito pode consolidar-se sensivelmente no que tange a diversas formas de expressão, como as artes, na oratória, na corporeidade e, no caso deste estudo, nas fontes textuais/escritas, ou seja, no *campo literário*³, em especial nas literaturas afro-brasileiras. Nóbrega e Medeiros (2009, p. 727) reforçam ainda acerca da compreensão de uma linguagem sensível e humanizada:

A compreensão da linguagem sensível, relacionada ao universo da corporeidade, proporciona a ampliação do universo da comunicação humana, não se limitando à linguagem conceitual, mas considerando também a linguagem gestual e outras formas de linguagem, como a linguagem da arte.

Sabendo disso, percebe-se as linguagens e suas influências na educação, uma vez que a educação se dá por meio das linguagens em suas diversas vertentes/faces. Isso remete à ideia acerca da *Teoria Multimodal*⁴, a qual foi estudada no decorrer da disciplina, tratando sobre a variação das formas em que as linguagens atravessam as rela-

ções sociais/humanas, possibilitando assim a consolidação da educação através de diferentes modos.

A educação ganha destaque e assume um papel fundamental na condução da formação dos sujeitos para o mundo e para a convivência em sociedade. No entanto, essa formação é frequentemente baseada em determinados princípios, como a imposição de um perfil cristalizado de cidadão a ser seguido. Esses princípios podem não dialogar com os interesses da maioria, acabando por favorecer uma pequena parcela de indivíduos em estado de privilégio, ligada à dominação e ao poder.

De um modo geral, a educação é sempre voltada à construção de "tipos de pessoas". Os fundamentos básicos tradicionais envolvem pessoas que aprendem regras e obedecem a elas, isto é, pessoas que passivamente aceitam as respostas para as questões do mundo que lhes têm sido fornecidas por "autoridades", em vez de considerarem o mundo como um lócus onde há muitos problemas a serem resolvidos. Os "novos fundamentos básicos", por outro lado, possibilitam novos "tipos de pessoas": pessoas para o tipo de mundo em que vivemos atualmente e para o tipo de mundo do futuro próximo; indivíduos que serão aprendizes flexíveis e colaborativos; que serão solucionadores de problemas, capazes de aplicar modos de pensar divergentes; que serão mais perspicazes em um contexto complexo e muito mais susce-

tível a constantes mudanças; que assumirão riscos de forma inovadora e criativa (Kalantzis, 2020, p. 24).

Diante da reflexão acima, pode-se problematizar os processos de formação das pessoas, criticando, logo no início, a moldação de indivíduos com base na passividade e submissão perante os interesses daqueles que assumem um papel de autoridade. Por outro lado, o rompimento desse tipo de moldação pode resultar na formação de sujeitos conscientes, críticos, sensíveis e criativos, mais preparados para os desafios do mundo e a convivência em sociedade.

Assim, o processo de formação dos sujeitos decorre das maneiras como as linguagens são constituídas socialmente, dependendo de contextos específicos. É neste ponto que se insere o processo de aculturação das populações, por meio de iniciativas que moldam condutas através da educação e das linguagens, as quais se configuram diante do contexto de formalidade em instâncias de doutrinação de caráter dominante.

A título de exemplo, menciona-se reflexões sobre a colonização, que resultou no papel de extermínio das diferenças objetivas, e suas ideias propagaram o apagamento das subjetividades. Como veículo desse apagamento das subjetividades, destaca-se o uso de literaturas de caráter eurocêntrico, refletindo no processo de alienação, intolerância às diferenças e na sobreposição de gênero,

raça e classe social.

A Promoção da Literatura Afro-Brasileira

A reprodução das desigualdades enquanto consequência da sobreposição de gênero, raça e classe reflete no modo de vida da negritude, colocando-a em condições precárias de subsistência, as quais são explicitadas de forma nua e crua na narrativa literária de Jesus (2014). O enredo delinea as formas como a escritora sobrevivia em um contexto de subalternização da mulher negra, abordando seus desafios e conflitos para assegurar condições de vida para ela e seus filhos.

São inúmeros os desafios para sobreviver em uma sociedade regida pela reprodução das desigualdades sociais. Na obra de Jesus (2014, p. 51), tornam-se explícitas as situações de injustiça, às quais a escritora lança críticas e preces para, com e entre os seus: “...Os bons eu enalteço, os maus eu critico. Devo reservar as palavras suaves para os operários, para os mendigos, que são escravos da miséria”.

Diante das circunstâncias de subsistência, a escritora tece as narrativas de sua vida, escrevendo e descrevendo as condições precárias que atravessam as lutas diárias pela sobrevivência, como consta a seguir:

14 DE JUNHO ...Está chovendo. Eu não posso ir catar papel. O dia que chove eu sou mendiga.

Já ando mesmo trapuda e suja. Já uso o uniforme dos indigentes. E hoje é sábado. Os favelados são considerados mendigos. Vou aproveitar a deixa. A Vera não vai sair comigo porque está chovendo. (...) Ageitei um guarda-chuva velho que achei no lixo e saí. Fui no Frigorífico, ganhei uns ossos. Já serve. Faço uma sopa. Já que a barriga não fica vazia, tentei viver com ar. Comecei desmaiar. Então eu resolvi trabalhar porque eu não quero desistir da vida (Jesus, 2014, p. 51-52).

Com base no enunciado acima, percebe-se que a sociedade brasileira se ancora na reprodução das desigualdades, que se manifestam de diferentes formas e níveis nas relações e realidades da população. Desde tempos remotos, demarcados pela colonização, essa população busca formas de sobrevivência.

Jesus (2014) expõe relatos de sua vida que demarcam contradições dentro de um país que, constitucionalmente, se diz democrático e que explicita textualmente que deve oferecer oportunidades e condições básicas e dignas de vida. A esse respeito, Duarte (2004, *apud* Ganzeli; Gasparelo, 2023, p. 18) destacam:

A Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 05 de outubro de 1988, estabeleceu como modelo político institucional o Estado Democrático de Direito para o país, o que obriga o poder público a garantir os direitos sociais, conforme o seu artigo 6º, com polí-

ticas públicas que proporcionem vida digna em todos os cidadãos, considerados como sujeitos de direito.

Diante disso, salienta-se que, com base no escopo legislativo e constitucional, o direito a uma vida digna configura-se como uma necessidade objetiva para a população brasileira. No entanto, sabemos que, ao analisarmos de forma mais ampla (macrossocial), essa democracia e a asseguarção de condições básicas de vida não se efetivam na prática e/ou integralmente.

Assim como apresentado nas narrativas de Jesus (2014), essa realidade de subalternização atravessa grande parte das camadas populares menos favorecidas economicamente dentro do território brasileiro. Esse apontamento se dá diante de realidades partilhadas e que compõem os campos literário, científico e também experiencial vivenciado por nós. Essas realidades nos atravessam fortemente enquanto sujeitos das camadas populares, que lutam e resistem dentro de um sistema capitalista que alude, com sua forma fascista, ao liberalismo, alegando que todos podem ascender socialmente desde que tenham força de vontade, lutem, estudem e trabalhem.

Considerando o fenômeno investigativo deste estudo, as narrativas de Jesus (2014) tanto explicitam quanto denunciam as sequelas oriundas da colonização, onde historicamente os negros, uma vez escravizados, carregam as marcas das in-

justiças raciais impostas pelos colonizadores. Vale salientar também que, enquanto mulher negra e oriunda das periferias, a autora é vítima das desigualdades de gênero e classe que configuram o modelo de sociedade patriarcal.

Nessa estrutura social, cabe aos sujeitos que não se encontram dentro do perfil de cidadão estabelecido pelo modelo de sociedade vigente se adequarem aos moldes impostos. Nesse ponto, as influências dominantes, uma vez manifestadas de diferentes formas, caracterizam diversos modos em que a educação se manifesta na formação desse sujeito cristalizado aos olhos da lógica colonial.

Ao relacionar a literatura com a educação, percebe-se a tendência formativa no que diz respeito à aceitação ou negação da identidade negra. No caso da negação identitária negra, isso ocorre quando os sujeitos negam suas raízes afro-ancestrais para assumirem o perfil do opressor/colonizador (Souza, 1990).

Em diálogo com esse pensamento, fazemos alusão à literatura de Jeferson Tenório, com a obra “O Averso da Pele”. Na obra, é discorrido acerca das injustiças sociais reverberadas, principalmente por conta do preconceito racial. Especificamente, são apresentadas narrativas de um jovem que, assim como seu pai, é vítima do racismo, sendo o pai morto diante de uma abordagem policial violenta.

Desse modo, na obra, desdobram-se diferentes situações em que o racismo é manifestado

de diversas formas, desde as opressões externas até os preconceitos internalizados no próprio sujeito, que enfrenta crises ou nega sua identidade negra em busca de aceitação ou ascensão social. Assim, Tenório (2020, p. 26) apresenta em sua narrativa passagens em que a negritude tende a assumir características e costumes dos brancos para ser aceita em determinados espaços considerados privilegiados diante da sobreposição racial:

[...] Quando você entrava sozinho numa loja e recebia um tratamento frio e desconfiado por ser negro, se dava conta de que, quando Juliana entrava e te beijava, os vendedores te tratavam melhor. Uma mulher branca com um negro, ele deve ser um bom homem. E por algum tempo você passou a gostar disso também. A presença de Juliana te dava uma espécie de salvo-conduto em certos ambientes. Porque, quando você estava com ela, você não era qualquer negro diante dos outros. Você era especial.

Conforme exposto pelo escritor, a colocação e aceitação do negro nos espaços pode acontecer em segundo ou até mesmo último plano, e sua ascensão social demarca o seu valor instituído na sociedade a partir da lógica dos brancos, ora como um negro qualquer, ora como um negro especial. A aceitação do negro na sociedade dentro da lógica conservadora e colonial surge com a adequação do mesmo aos padrões estabelecidos pe-

los brancos, padrões esses que distorcem seus valores identitários e ancestrais. Em outras palavras, era preciso a presença de uma pessoa branca, como "Juliana", para que a discriminação fosse menos violenta aos olhos, manifestando-se de forma cordial.

Outros fatores relevantes sobre o assunto, para além do universo literário, foram manifestados recentemente no contexto brasileiro. As ocorrências desmascararam a manifestação do racismo no meio social e, por mais contraditório que pareça, também no contexto de instituições de ensino.

De acordo com o G1 (2024) e o Diário de Pernambuco (2024), notifica-se que em pleno ano de 2024, a diretora de uma Escola Estadual de Ensino Médio, no município de Santa Cruz do Sul, no estado do Rio Grande do Sul, expressa ignorância e racismo em suas declarações. Ela relata que a obra "O Averso da Pele" é constituída de vocabulário de "baixo nível" e solicita a retirada da obra das instituições de ensino. Diante disso, Jeferson Tenório, em entrevista à GloboNews em 04 de março de 2024, destaca o seguinte: "Me causa sempre espanto, porque já temos tão poucos leitores no Brasil e deveríamos estar preocupados em formar leitores, e não censurar livros".

Diante do explicitado, percebe-se que o racismo demarca fortemente a conjuntura atual, o que reforça que o combate deve ser contínuo, pois a luta contra o preconceito racial não é recente.

Ainda na entrevista à GloboNews, Jeferson Tenório ressalta que essa batalha contra os ataques e censuras à sua obra não é nova; em 2022, ele já foi alvo de censura por parte de uma escola em Salvador-BA (G1, 2024; Diário de Pernambuco, 2024).

Em resposta a essas situações, as repercussões do livro durante as tentativas de censura alcançaram um nível elevado de vendas, conforme a Mídia Ninja (2024):

Desde sexta-feira passada, as vendas do romance literário “O Averso da Pele”, escrito por Jeferson Tenório e vencedor do Prêmio Jabuti em 2021, dispararam em 400% na plataforma da Amazon. O crescimento ocorre pouco depois de uma tentativa de censura em Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul. O vereador Rodrigo Rabuske (Republicanos) e uma diretora da escola divulgaram notícias falsas de que o livro “estimula o sexo”.

Diante do exposto, percebe-se que a repercussão da obra se expandiu diante das tentativas de seu silenciamento. As forças conservadoras se articularam de modo alinhado aos seus próprios interesses, manifestando ignorância perante a complexidade dos assuntos e problematizações que compõem a obra. Desconsiderando os temas centrais que tratam principalmente do racismo e da formação identitária do negro, focam suas críticas em discursos vazios e sem respaldo teórico.

Carneiro (2024) publica na revista Veja que,

após a tentativa de censura, as vendas da obra “O Averso da Pele”, de Jeferson Tenório, aumentaram mais de 6.000%. Nesse sentido, nota-se que o interesse pela temática atravessa muitas pessoas que, de algum modo, se sensibilizaram e/ou têm interesse por um assunto — o racismo — que, apesar de ser tão antigo, ainda se encontra tão presente na sociedade.

Carneiro (2024, online) destaca também que:

Após a censura, o autor recorreu às redes sociais para compartilhar sua indignação: “As distorções e fake news são estratégias de uma extrema direita que promove a desinformação. O mais curioso é que as palavras de ‘baixo calão’ e os atos sexuais do livro causam mais incômodo do que o racismo, a violência policial e a morte de pessoas negras. Não vamos aceitar qualquer tipo de censura ou movimento autoritários que prejudiquem estudantes de ler e refletir sobre a sociedade em que vivemos”, afirmou Tenório em uma publicação no Instagram.

Nesse sentido, nota-se que o posicionamento do autor/escritor é firme, e tanto ele quanto as pessoas que adquiriram sua obra, ao demonstrar interesse, também se mostram tocados pelo tema. Isso nos revela que o campo literário pode se configurar como uma zona de conflito, onde disputas simulam as relações de poder tecni-

das no meio social. Para aqueles que não sofrem as consequências do racismo na pele, assuntos relacionados às relações étnico-raciais parecem ter pouca importância, e esses mesmos indivíduos tentam censurar aqueles que demonstram interesse, os quais carregam o peso do racismo instituído na sociedade.

Nesse ponto, reflete-se sobre a importância das literaturas negras, como a literatura afro-brasileira, que se engaja no combate ao racismo e à justiça social. Sobre esse tema, podemos destacar as reflexões de Cuti (2010, p. 10-11) ao salientar:

Certa mordaca em torno da questão racial brasileira vem sendo rasgada por seguidas gerações, mas sua fibra é forte, tecida nas instâncias do poder, e a literatura é um de seus fios que mais oferece resistência, pois, quando vibra, ainda entoa loas às ilusões de hierarquias congênicas para continuar alimentando, com seu veneno, o imaginário coletivo de todos os que dela se alimentam direta ou indiretamente. A literatura, pois, precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado. Os autores nacionais, principalmente os negro-brasileiros, lançaram-se a esse empenho, não por ouvir dizer, mas por sentir, por terem experimentado a discriminação em seu aprendizado.

De acordo com o autor, uma literatura de luta consiste na promoção da igualdade social,

sendo específica no contexto das relações étnico-raciais para o engajamento no combate ao racismo. Este campo literário, que antes era utilizado para alienar conforme os pilares literários eurocentrados, agora assume uma postura que contradiz a lógica dominante colonial, convertendo-se em instrumento de luta e resistência da negritude para expor as mazelas do racismo, ou melhor dizendo, as mazelas dos racistas.

Nesse ponto, a apropriação dos colonizados/oprimidos no campo das literaturas promoveu que estes, mais tarde, assumissem o compromisso com seus pares/conterrâneos, com suas raízes históricas, com sua nacionalidade, e na atualidade, diria também, com sua classe. Assim, a delimitação do estudo surge como estratégia para falar sobre a literatura afro-brasileira como um instrumento capaz de contribuir no processo de desalienação da negritude em prol da sensibilização e alcance do sentimento de pertencimento da mesma às suas raízes afro-ancestrais.

A literatura passa a ganhar novos significados no contexto em que o ser negro remete agora ao estado de empoderamento e orgulho. O que antes era negado e invisibilizado passa a ser questionado e criticado, pois há muitas pendências das relações de poder a serem pontuadas e responsabilidades a serem assumidas. A branquitude deve reconhecer sua condição sócio-histórica construída ao longo das gerações e perceber que todas as

peças devem assumir o compromisso com o rompimento de toda e qualquer forma de opressão, neste caso, do racismo.

Partindo disso, percebe-se que as influências das linguagens na educação podem variar e ressignificar as relações, moldando a forma como as subjetividades dos sujeitos são constituídas. As literaturas afro-brasileiras, enquanto expressões das linguagens, assumem o compromisso de desmistificar outras literaturas (eurocentradas) que antes eram consideradas como verdades absolutas. Essas narrativas (eurocentradas) agora são questionadas, pois remetem preocupações sobre a alienação advinda da perspectiva de uma única história a ser contada, compartilhada e difundida no meio social (Adichie, 2019).

Ainda no tocante ao assunto, Minillo (2014) lança reflexões a partir dos seus estudos centrados nas teorias de Relações Internacionais, inspiradas nas problematizações de Chimamanda Ngozi Adichie em uma palestra realizada em julho de 2009, intitulada “O Perigo de uma Única História”, a qual posteriormente deu origem à publicação do livro derivado da palestra. Nos estudos de Minillo (2014), destacam-se discussões pertinentes para a desmistificação de imagens e narrativas sobre o continente africano que foram reverberadas conforme a perspectiva e os interesses dominantes.

Tendo nossas referências da África – dadas pela mídia, internet, e mesmo os mapas que são utilizados no sistema educacional – constantemente representando o continente como um local selvagem, com uma paisagem constante de savanas e safaris habitados por crianças famintas e tribos exóticas dizimadas pelo HIV/AIDS, conflitos étnicos e raciais, é compreensível que mesmo estudantes de graduação de Relações Internacionais tenham uma imagem simplista e muitas vezes marcada por concepções errôneas acerca do continente (Minillo, 2014, p. 19).

À vista disso, a autora compartilha reflexões pertinentes, demonstrando que os processos de dominação mobilizam narrativas que tendem a contrariar seus interesses, convertendo-as em informações errôneas que são impostas ou disseminadas como verdades absolutas. Isso é evidente no caso dos estereótipos que retratam a África em função da ascensão da Europa. Nesse sentido, tais narrativas dominantes e alienantes priorizavam e ainda priorizam a ascensão de determinados grupos (brancos) em detrimento da regressão de outros (negros), sejam africanos e/ou, mais precisamente, no caso do Brasil, afro-brasileiros.

Diante dos avanços em estudos no campo das relações étnico-raciais, novos olhares passam a reverberar no traçar dos recortes temporais entre o período da escravidão e a contemporaneidade, mas as ideias conservadoras ainda predominam

fortemente nas relações sociais (Souza, 1990). A educação, e as linguagens, em especial a literatura negra, devem comprometer-se com esse processo de desconstrução e reconstrução do saber/ser.

Diante do exposto, percebemos que nas literaturas, os textos e suas narrativas podem ganhar novos sentidos, novas atribuições, passando a realizar em seus escritos novas e diferentes representações sobre a vida, o mundo e as linguagens que permeiam as relações humanas. Sabendo que o universo literário pode e deve ser diversificado, ressalta-se a importância da literatura afro-brasileira enquanto instância formativa objetiva e subjetiva das pessoas. Assim, a literatura negra assume o papel desafiador na história ao desmistificar as ideologias conservadoras coloniais e ao ultrapassar a condição de mera denúncia das injustiças raciais, ressignificando seu uso como fonte de prazer e deleite.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os encontros promoveram novas noções sobre as linguagens. Nas aulas, percebeu-se as limitações dos/as discentes em relação à compreensão sobre linguagens. Essa compreensão ampliou-se à medida que as leituras foram realizadas, e as concepções sobre linguagens ganharam espaço nas discussões. As conversas inspiraram-se em autores/as indispensáveis para a temática, como Fur-

lan e Bocchi (2003, p. 446), destacando que “A linguagem não é tradução ou reprodução do pensamento e, neste sentido, uma potência de caráter secundário. Ao contrário, ela é fonte originária de sentido do próprio pensamento”.

Com o avançar das formações, essa limitação foi sendo superada no que diz respeito à ampliação do conhecimento sobre linguagens enquanto expressões do corpo em busca de se relacionar, perceber, saber e, principalmente, ser. O saber resulta no ser, corroborando com a formação das subjetividades, que reflete na constituição da identidade dos indivíduos a partir das experiências/vivências que atravessam o corpo. Como aponta Merleau-Ponty no que diz respeito ao corpo, destacando que é o maior bem nas relações internas (sujeito consigo mesmo) e externas (sujeito com os demais, com os objetos e com os espaços), o que reflete na sua personificação através dos elementos que englobam sua realidade de vida. Diria até que os princípios da fenomenologia dialogam com a pretensão do estudo, já que este deve considerar a realidade de cada indivíduo na constituição da sua forma de pensar (saber) e atuar (ser) na sociedade em que se encontra inserido.

Partindo da consideração sobre a realidade de vida dos sujeitos, os princípios do estudo se entrelaçam com o campo da literatura negra a partir do nosso campo experiencial enquanto pesquisadores, o que traz e faz sentido para nós. As lingua-

gens só são bem-sucedidas quando promovem sentidos e são sentidas pelos sujeitos. Por meio do nosso campo experiencial, notificamos e percebemos a importância de temáticas atreladas às relações étnico-raciais, seja nas escolas ou em outros espaços não propriamente associados à educação formal, uma vez que o campo da escolarização não assume de forma precisa/integral uma educação voltada para discussões sobre as relações étnico-raciais (Petit, 2015).

Como consequência dos descasos da educação para/com os saberes atrelados às relações étnico-raciais, as pessoas reproduzem o racismo. Noções dessas reproduções ganham espaço nas discussões literárias afro-brasileiras, como mostra Tenório (2020, p. 18):

[...] Você tinha dezenove anos mas ainda não sabia muita coisa sobre autoestima, nem sobre se valorizar e essas coisas necessárias para manter a sanidade, por isso você não conseguia olhar por muito tempo nos olhos dele. Bruno percebeu isso. Você era tudo que ele precisava. Você era uma presa fácil. Assim, com total domínio da situação, Bruno disse, com muita naturalidade, que não gostava de negros. Você levantou os olhos. Bruno não se intimidou e repetiu a frase: não gosto de negros.

As estruturas sociais são marcadas pelo racismo que se manifesta de forma latente, como

a constatação apresentada na citação acima. A negação do ser negro e de tudo que esteja ligado à identidade negra é uma sequela oriunda da colonização, originando um racismo que tende a inferiorizar as etnias e as raças que se distanciam daquela que se autointitula superior: a branquitude.

Sabendo disso, a educação não deve se limitar somente à manutenção e aos interesses de uma determinada raça (branquitude) que se autointitula detentora do poder e da verdade diante da diversidade da vida. A educação deve atender a todos, independentemente das diferenças que existem entre as pessoas, conforme consta na própria *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*.⁵

Os modelos de sociedades são movidos pela contradição, e a educação deve buscar solucionar tais contradições para assegurar a harmonia social. Dentre os meios de reparação, pode-se mencionar o uso das linguagens em suas diferentes faces, como é o caso das literaturas afro-brasileiras que, quando discutidas em sala, revelaram explicitamente o quanto as sociedades são injustas, preconceituosas e desumanas, sugando a vida e a esperança da negritude.

Fui catar papel. Estava indisposta. O povo da rua percebe quando eu estou triste. Ganhei 36,00. Voltei. Não conversei com ninguém. Estou sem ação com a vida. Começo achar a minha vida insípida e longa demais. Hoje o sol

não saiu. O dia está triste igual a minha alma. Deixei o João fechado estudando. Disse-lhe que o homem que erra está vacinado na opinião pública. O que eu observo é que os que vivem aqui na favela não podem esperar boa coisa deste ambiente. São os adultos que contribuem para delinquir os menores. Temos os professores de escândalos: A Leila, a Meiry, a Zefa, a Pitita e a Deolinda (Jesus, 2014, p. 75).

O estado de vulnerabilidade social apresentado na narrativa de Jesus (2014) explicita o quanto injusto é o nosso país. Essa injustiça recai mais intensamente sobre as populações negras, e no caso da escritora, uma carga adicional de opressão se desdobra por conta das diferenças de gênero e classe.

Em um país regido pelo patriarcado, ancorado tanto no racismo quanto no machismo, o corpo da mulher, especialmente o da mulher negra e oriunda da favela, tende a ser objetificado. Essa degradação social remete de forma expressiva às desigualdades enfrentadas por todos aqueles que não se enquadram e/ou tentam romper os padrões normativos dominantes, tornando ainda mais difícil para as mulheres negras encararem os desafios da vida dentro de contextos de perseguição, marginalização, exclusão e até mesmo extermínio.

Retomando os debates desenvolvidos em sala de aula, os quais atravessaram as literaturas afro-brasileiras através de narrativas como as de

Jesus (2014) e Tenório (2020), percebemos que estas promoveram iniciativas de discussão acerca da visibilidade social da negritude, instrumentalizadas e manifestadas por meio do universo literário de cunho negrorreferenciado. Outro fator relevante foi o caráter de denúncia das desigualdades de raça, de classe e de gênero, introduzidas e reproduzidas nas sociedades que, por sua vez, são geridas a partir da lógica colonial.

Desse modo, observamos que a literatura pode introduzir realidades que até então estavam invisibilizadas socialmente, diante da hipocrisia de um sistema que se diz democrático e igualitário, mas que, na verdade, preza pela reprodução das desigualdades, dos preconceitos e, especificamente, como aponta nosso estudo, do racismo. Bauman e Mazzeo (2020, p. 31) apresentam em seus escritos passagens que remetem ao estado de reprodução das desigualdades, centrando-se no contexto da educação formal, que, por sua vez, aceita e confirma ideias atreladas à meritocracia:

Affinati sente fortemente a injustiça da desigualdade. Ele está profundamente ciente de que as escolas foram burocratizadas na medida mesma em que suas pontuações mínimas de aprovação também foram estabelecidas por critérios aplicados. Isso é muitíssimo injusto: a pontuação mínima para um estudante de boa família, em que se leem contos de fadas e as crianças crescem em meio a livros, amor e atenção, é uma realização muito menor que

para uma criança que teve de lutar com unhas e dentes por tudo, cujos pais são separados, dão pouca atenção à sua prole, falam em dialeto e dão mau exemplo em seu vazio cultural. É por isso que Affinati, juntamente com outros bons professores, escolheram trabalhar com os mais fracos, os mais indefesos e os mais destituídos.

As injustiças, como consequência das desigualdades, alimentam a perpetuação do sistema de sociedade atual, que reflete na adoração da meritocracia e do classicismo. Como constatado na citação acima, desconsidera as diversas realidades no âmbito do processo educativo dos sujeitos, invisibilizando as diferenças socioeconômicas que afetam as camadas sociais mais vulneráveis, as quais são majoritariamente constituídas por pessoas negras.

Diante do exposto, percebe-se o quanto é difícil implementar medidas concretas em um contexto educacional gerido principalmente por matrizes curriculares dominantes. Outro ponto a ser notificado também é que a formação das subjetividades deve ser ressignificada, passando a romper a lógica dominante, a qual remete à ascensão do branco em função da regressão do negro.

Sabendo que as desigualdades se fazem presentes no tecido das relações sociais e, especificamente, raciais, o uso das literaturas afro-brasileiras no contexto educacional formal, não formal e informal pode ressignificar os valores atri-

buidos à identidade negra, em uma perspectiva contrária à lógica dominante colonial. Fazendo alusão às reflexões de Adichie (2019), devemos estar cientes do perigo da história única e romper com a ideia de verdade absoluta dessa história, que é contada a partir da perspectiva colonial.

Desse modo, a literatura negra se instrumentaliza no combate às injustiças, principalmente aquelas atreladas à sobreposição racial refletida pela diversidade de cores de pele que compõe a população brasileira. Esse movimento antirracista, expresso por meio do universo literário afrorreferenciado, pode desencadear mudanças sociais rumo a um novo Brasil livre do racismo, como destacado por Cuti (2010, p. 11):

Sob o manto de um silêncio midiático, livros individuais, antologias de poemas, contos e ensaios e obras de referência vêm se somando para revelar um Brasil que se quer negro também no campo da produção literária, pois o país plural se manifesta no entrelaço das ideias e nos intercâmbios de pontos de vista.

A citação expõe a necessidade de revelar e/ou desvelar um Brasil onde a diversidade seja vista e acolhida com bons olhos, e que a literatura pode contribuir nessa conquista. Essa conquista pode ser ainda mais ressignificada quando se trata das diferentes realidades que compõem as negritudes, realidades essas que são plurais e merecem

ser vistas, compartilhadas, discutidas, problematizadas e apreendidas tanto na educação escolar e universitária quanto nos demais setores da sociedade.

Das conquistas à resignificação da vida e do modo como ela é tecida nas relações sociais. No contexto literário, surgem ideias que dialogam e refletem em possibilidades alternativas de como pensar e agir no meio social, ideias essas que se atrevem a afrontar os pilares do capitalismo/colonialismo, como explicitado no poema intitulado “Atrevo-me a viver”, do poeta Aglailton Bezerra.

Faço par com a rebeldia e como numa valsa
atrevo-me a dançar.

Danço passos inesperados e não estranho a
ousadia.

Atrevo-me a perceber a grandeza do recomeço
e cada início já não é mais o mesmo.

É cansativo, porém atrevo-me a sonhar e ali-
mentar esses sonhos.

Atrevo-me a caminhar lentamente e perceber
que cada passo têm o seu significado.

Atrevo-me ainda a acreditar que as experiên-
cias ruins apontam-me caminhos.

Atrevo-me a ser atrevido e acreditar na vida e
em tom alvoroço, sorriso sem motivos.
(Aglailton Bezerra, 2024).

Entre versos e atrevimentos, o escritor, que é um agente de mudanças, direciona seus estudos e poesias às causas sociais, especialmente

defendendo os direitos das camadas populares mais vulneráveis, especialmente das populações negras. O poeta contribui de forma cativante, os encantos da vida e a necessidade de lutar por ela, pois todos temos o direito de viver. Diante de versos que criticam, motivam e convocam, juntamente com as demais leituras e discussões realizadas, ressaltamos ainda que percebemos, concordamos e defendemos a relevância do campo literário como instrumento de luta e resistência, bem como de expressão criativa de prazer e deleite da negritude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do apresentado, percebe-se que ainda há muito a ser mudado nas estruturas sociais que regem a sociedade atual. Para isso, é preciso conscientizar as pessoas, como ressalta Freire (1979), ao destacar que a educação pode mudar as pessoas, e elas, por sua vez, podem promover mudanças no mundo.

A educação deve assumir o compromisso com uma formação mais humana, e não apenas de cunho mercadológico. As linguagens se configuram no corpo expressivo, a fim de estabelecer relações com os demais, com os objetos, com o meio. Sendo assim, a educação, as linguagens, as literaturas, o corpo em si, devem assumir um estado de relação harmoniosa entre os seus pares para o alcance

de um bem maior que contemple a todos, e não apenas a um determinado grupo que se considera superior aos demais.

A literatura, enquanto extensão da linguagem, que por sua vez, está atrelada à educação, contribui para a formação das subjetividades, o que influencia na constituição das identidades. A partir disso, a literatura, em especial a literatura negra, pode passar a gerar conflitos, ou não, nas pessoas que até então desconhecem a riqueza da diversidade e das suas raízes afro-ancestrais.

Sobre as literaturas afro-brasileiras, pode-se dizer que, até então, elas assumem um caráter de denúncia através de suas narrativas. No entanto, há esperança de que um dia as sociedades alcancem um estado de emancipação humana, e o que antes tinha caráter de denúncia possa se reconfigurar em uma instância de apreciação e deleite para seus públicos.

Ressalta-se, por fim, que iniciativas combativas são indispensáveis no que diz respeito ao alcance de uma sociedade, ou melhor, de modelos de sociedades mais justos, e que não se estruturam na submissão do outro para assegurar os desejos e interesses daquele que se autointitula superior. É preciso referenciar e tornar objetivos os princípios humanos para então haver pessoas emancipadas junto aos seus pares.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BAUMAN, Z.; MAZZEO, R. **Elogio da Literatura**. Rio de Janeiro, 2020.

CARNEIRO, Mariana. Após censura, vendas de 'O Aveso da Pele' crescem mais de 6.000%. **Site da Revista Veja**, 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/apos-censura-vendas-de-o-avesso-da-pele-crescem-mais-de-6000>. Acesso em: 10 jul. 2024.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Governo condena tentativa de censura sobre o livro 'O Aveso da Pele'**. Site Diário de Pernambuco, 2024. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2024/03/governo-condena-tentativa-de-censura-sobre-o-livro-o-avesso-da-pele.html>. Acesso em: 10 jul. 2024.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FURLAN, Reinaldo; BOCCHI, Josiane Cristina. O corpo como expressão e linguagem em Merleau-Ponty. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 8, n. 3, p. 445-450, 2003.

G1. **Diretora de escola do RS pede censura de livro 'O Averso da Pele', de Jeferson Tenório; autor rebate: 'deveríamos estar preocupados em formar leitores'**. Site G1, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/03/04/livro-diretora-rs-avesso-da-pele-jeferson-tenorio.ghtml>. Acesso em: 10 jul. 2024.

GANZELI, Pedro; GASPARELO, Rayane. Direito à educação no Brasil: o estado da arte de 1988 a 2018 – gestão educacional. **Revista InterAção**, v. 14, n. 3, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2357797574127>. Acesso em: 10 jul. 2024.

GOMES, Francisco Regis Abreu; BASTOS, Francisco Glauco Gomes; LIMA, Jean Custódio de. Mapas mentais para o processo de aprendizagem: uma proposta de intervenção. **Revistado Instituto de Políticas Públicas de Marília**, v.7, n.2, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/2447-780X.2021.v7.n2.p23>. Acesso em: 10 jul. 2024.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. - São Paulo: Ática, 2014.

KALANTZIS, Mary. **Letramentos**. Bill Cope e Petrilson. Tradução: Petrilson Pinheiro. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

MÍDIA NINJA. **Após tentativa de censura, vendas do “O Averso da Pele” crescem 400%**. Site Mídia Ninja, 2024. Disponível em: <https://midianinja.org/apos-tentativa-de-censura-vendas-do-o-avesso-da-pele-crescem-400/>. Acesso em: 10 jul. 2024.

MINILLO, Xaman Korai. Imagens e narrativas da África: desmistificando as teorias de Relações Internacionais. **Revista InterAção**, v. 5 n. 5, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2357797513375>. Acesso em: 10 jul. 2024.

NÓBREGA, T. P.; MEDEIROS, R. M. N. A palavra é gesto: reflexões estéticas sobre o corpo. **Motriz**, Rio Claro, v.15 n.3 p.723-728, 2009.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia**: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores, 1. ed. Fortaleza: EDUECE, 2015.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

TENÓRIO, Jeferson. **O Averso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

NOTAS

¹O Mapa Mental tem início de uma ideia central que pode ser escrita ou representada por um desenho. A partir disso são desenhadas ramificações para outras ideias que tenham associação com a ideia central ou ideia anterior. Dessa forma criando uma representação visual de ideias conectadas que auxiliam o processo de compreensão e memorização da informação (Gomes; Bastos; Lima, 2021, p. 26).

²Descrição da imagem: Trata-se de um mapa mental construído por discentes do PPGED/UFRN, apresentando ideias iniciais sobre o entendimento de linguagem. A imagem é constituída por três fotos, as quais mostram palavras escritas em papéis e coladas no chão/piso, fazendo alusão ao conceito de linguagem. Essas palavras são interligadas por fitas nas cores vermelho, azul e branco, simbolizando traços/linhas de conexão de ideias. As palavras e fitas estão interligadas à palavra central, "Linguagem", e se desdobram da seguinte maneira: Foto no centro – Linguagem, fita vermelha -

expressão, silêncio, ideias, potência, sensível, sons, textos, imagens, gestos e sentimentos; Foto no lado direito - Linguagem, fita azul - expressão, olhar, sentir, movimento, gestos, fala e imagem; Foto no lado esquerdo - Linguagem, fita branca - silêncio, línguas+agem, força, ligação, comunicação, mediação e significação.

³A literatura é um fazer humano. Quando é interpretada, avaliada, legitimada ou desqualificada, fica aberto o leque de sua recepção, leque este que se altera no decorrer do tempo em face das novas pesquisas. Nem a teoria nem a crítica literária se furtam à ação do tempo e, portanto, de alterações a elas atinentes (Cutí, 2010, p. 10).

⁴Com base em Kalantzis (2020), a teoria multimodal compreende a proposta de (multi)letramentos através das diferentes linguagens, ou seja, os diversos modos em que o processo educativo pode se (res)significar/consolidar.

⁵Promulgada em 1988, é a Carta Magna brasileira, ou seja, a Constituição é o conjunto base de leis, normas e regras do país que vigora até os dias atuais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 26 jun. 2024.